

ODISSEIA DE PLATÃO

BENOIT, Hector. **A Odisseia de Platão**: as aventuras e desventuras da dialética. São Paulo: Annablume, 2017. 564 p.

Gerson Pereira Filho*

Em 2015 foi lançado pelo mesmo autor e editora, o volume que antecede o que aqui será apresentado. Referimo-nos a “*Platão e as temporalidades: a questão metodológica*”¹. Cumprindo ao que foi anunciado na ocasião, chega às nossas mãos a publicação desta nova obra que, sem dúvida, estabelece uma ruptura radical com as interpretações e metodologias aplicadas à leitura de Platão e seus diálogos.

Em seus escritos originais, a obra compõe quatro volumes (tetralogia), que vieram a ser agregados em dois, devido a procedimentos editorais. Assim sendo, o volume aqui resenhado – *A Odisseia de Platão: as aventuras e desventuras da dialética* – contém o conjunto maior do pensamento do autor, resultado de sua tese de livre-docência pela Unicamp - Universidade Estadual de Campinas (2004),² e que abarca, portanto, três volumes da tese.

Se no primeiro volume citado a ênfase recai sobre a questão metodológica para a leitura e estudos dos diálogos platônicos, tendo como eixo central a ideia das “temporalidades” desenvolvida pelo autor, nesse segundo volume, a ênfase foi uma empreitada ainda mais complexa. Trata-se de percorrer a “*odisseia*”, em torno das “*aventuras e desventuras da dialética*” platônica em seus diálogos. Para isso, e em coerência com o método de leitura proposto no volume sobre as “*temporalidades*”, Benoit, pacientemente, percorre os vinte e nove diálogos platônicos hoje considerados autênticos e fidedignos pela maior parte da crítica, com exceção de três deles que constam das abordagens com a observação de anacronismo e suspeição, que são *Íon*, *Menexene*, *Epinomis*.

* Professor de Filosofia na PUC Minas - campus Poços de Caldas, MG, doutor em filosofia. Atualmente em pós-doutoramento em Filosofia na Unicamp. E-mail: gerson@pucpcaldas.br.

1 Sobre essa obra publicamos resenha neste periódico, *Sapere Aude*, v. 7, n 14, 2016.

2 Além da docência nesta instituição, o autor foi responsável pela criação do CPA-Centro do Pensamento Antigo e sua posteridade (1995), da SBP – Sociedade Brasileira de Platonistas (1999) e do GT- Anpof - Platão e Platonismo (2000). O livro aqui resenhado, bem como o volume anterior – vide nota 2 - é resultado de incessantes leituras e pesquisas em torno dos diálogos platônicos e sua tradição exegética e hermenêutica, o que leva o autor a propor uma abordagem bastante heterodoxa e inovadora do ponto de vista teórico e metodológico. Foram pesquisas e artigos que vem sendo produzidos ao longo de três décadas, consolidados de forma magistral nesta obra publicada em seus dois volumes.

Tais “*aventuras e desventuras da dialética*” platônica são apresentadas no ordenamento heterodoxo defendido por Benoit, dentro do que denomina “*temporalidade da léxis*”, ou seja, procura seguir a posição ocupada por cada *Diálogo*, no interior do corpus platônico como um todo. A partir do entrelaçamento cênico, dramático, dialético que existe entre eles, com base nas descrições factuais que situam cada *Diálogo*, geralmente presentes nos preâmbulos de cada um deles e pela conexão das falas dos personagens e temas tratados, o autor, com esmero, reconstitui toda a trajetória da produção dialógica de Platão.

Desse modo, o conjunto de vinte e seis diálogos é distribuído em cinco grandes momentos temporais e conceituais que, segundo Benoit, oferecem a chave de leitura e conseqüentemente de compreensão dos sentidos filosóficos que há milênios perturbam os pesquisadores e leitores, no esforço, muitas vezes inútil, de se compreender o “*pensamento de Platão*”. E, o que é pior, ao longo da tradição histórico-filosófica, desde o neoplatonismo, passando pela filosofia medieval, renascença e assim chegando à modernidade, tem-nos sido legada uma interpretação duvidosa, metafísica, idealista e ideológica de Platão, que não estaria de acordo com os propósitos inerentes à própria obra e seu autor.

O ordenamento da *léxis* platônica segue, portanto, a seguinte disposição:

- O primeiro grande momento é representado pelo diálogo *Parmênides* (450 a.C.)³, o primeiro na composição dramática da obra, ao trazer o início da trajetória filosófica de Sócrates, ainda muito jovem e sua iniciação junto ao velho Parmênides, filósofo eleático, e a Zenão seu companheiro discípulo, de meia idade.
- O segundo momento vem após um longo silêncio socrático, marcado pelas aporias que virão à tona nos diálogos socráticos que se seguirão, como sendo um período de busca socrática pelo inteligível, após o impasse gerado no encontro com o ancião Parmênides e as perturbadoras questões em torno da teoria das ideias. O segundo momento ativo da obra, portanto, será entre 434 a 410 a.C., quando Sócrates retoma a cena dos diálogos e por aí vão se desenvolvendo novas tramas e novo movimento dialético na busca das verdades filosóficas que preocupam Sócrates e seus interlocutores, a maioria deles personagens reais, do círculo

3 As datas indicadas se referem à temporalidade dramática em torno dos cenários e acontecimentos descritos nos preâmbulos dos diálogos; em alguns casos, a temporalidade dramática coincide com a temporalidade da *poiésis*, que é a data cronológica da escrita dos textos dos diálogos, cujo ordenamento seria outro diferente do aqui apresentado. Nessa dialética das temporalidades, o tempo histórico real dos personagens e acontecimentos ora coincide, ora se distancia das narrativas, mas perpassa o debate filosófico, naquilo que constitui a temporalidade da *noiésis*, ou seja, a elaboração teórica em torno da obra. Para melhor compreensão, remetemos novamente ao volume 1 a que nos referimos – nota 2.

filosófico, sofistas, oradores, políticos de então. Platão, o autor, quase sempre ausente nas elucubrações, dá voz a esse grande elenco, mas, dialeticamente estará construindo nos textos possibilidades inusitadas para se enfrentarem os relevantes problemas filosóficos que vão sendo apresentados. Esse segundo momento é composto pelos diálogos: *Protágoras*, *Eutidemo*, *Lysis*, *Alcibíades I*, *Cármides*, *Górgias*, *Hípias Maior*, *Hípias Menor*, *Láckes*, *Mênon*, *Banquete*, *Fedro*.

- O terceiro momento, entre 410 a 399 a.C., com os diálogos *A República*, *Timeu*, *Crítias*, *Filebo*, seria, em linhas gerais, o início de uma ascensão da dialética aporética dos primeiros diálogos socráticos, para o início de uma dialética “afirmativa”, em que importantes questões começam a vislumbrar possibilidades que vão para além daqueles paradigmas estabelecidos por Parmênides e outros pré-socráticos.
- O quarto momento, centrado no ano da morte de Sócrates, 399 a.C., é também o momento de uma possível ruptura teórica com os ensinamentos socráticos ainda pautados pela metafísica parmenidiana, para revelar uma nova dialética que se sobrepõe ao Sócrates histórico que enfrenta a morte, mas, simbolicamente, quando ocorre o afastamento do Sócrates personagem na condução dialógica, cede lugar a novos personagens centrais que apontam novas diretrizes conceituais frente aos conteúdos dos Diálogos.
- O quinto momento, de 356 a 347 a.C., após novo longo silêncio, é quando o autor Platão nos oferece seu último e extenso diálogo, que ficou ainda inacabado, *As Leis*, como um possível novo parâmetro dialético para compreendermos a trajetória platônica.
- Benoit ainda se preocupa em analisar na relação com os vinte e seis diálogos aceitos como autênticos pela crítica, outros três que ainda são integrados ao *corpus platônico* nas edições da atualidade, embora considerados como anacrônicos ou até possivelmente apócrifos, *Íon*, *Menexene*, *Epinomis*. Sabe-se que vários outros diálogos que chegaram a integrar as edições antigas e modernas já foram descartados e constatada a sua inautenticidade, principalmente depois dos estudos de estilometria no século XIX.

Pois bem, o método inovador de Benoit não se esgota nesse aspecto formal de ordenamento da obra platônica, embora isto, por si só, já constitua um mérito inquestionável,

dado o caráter inédito deste método de leitura e as novas possibilidades que são abertas para a exegese e a hermenêutica platônicas.

O mais profundo na proposta de abordagem do autor está no enfrentamento direto de séculos da tradição filosófica ao nos impor um Platão muitas vezes doutrinário, dogmático, metafísico, apropriado ideologicamente em diferentes contextos da história e, assim, afastar esse autor precioso da antiguidade de seus próprios *Diálogos*, o principal legado que nos foi deixado pelo filósofo da academia por onde podemos também dialogar, de forma aberta, com aqueles conteúdos centrais na elaboração conceitual que marca a história da filosofia, da cultura e da política no Ocidente. Benoit se propõe a redescobrir, dialeticamente, o inventor da dialética. Como ele nos diz, ao finalizar esta *odisseia platônica*, o autor dos *Diálogos* também nos deixou sua palavra ao finalizar sua *odisseia* dialética e existencial quando, já perto da morte:

Platão (já velho ateniense), tomando finalmente a palavra, realizou nas *Leis* a superação da fragmentação das temporalidades, lançando-nos no caminho luminoso de um retorno para além de Sócrates, de Parmênides e do começo da filosofia grega, um retorno à experiência poética de uma *physis* originária, que aponta para o fim da chamada '*meta-física*'. (BENOIT, 2017, p. 557).